

## Inteligência Artificial na produção acadêmica: coadjuvante ou protagonista?

Cristian R. Foguesatto  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>1</sup>  
[cristian.foguesatto@ufrgs.br](mailto:cristian.foguesatto@ufrgs.br)

A produção acadêmica (artigo, dissertação ou tese) é um argumento lógico. É a forma clássica para a divulgação dos resultados e conclusões de pesquisas científicas. Em outras palavras, esses documentos são fundamentais para a disseminação do conhecimento científico – um ativo valioso da sociedade, fruto do trabalho do *homo sapiens*. Contudo, ao longo dos últimos anos, o conhecimento científico tem sido produzido também com o auxílio da Inteligência Artificial (IA), impulsionada pelos avanços em *Machine Learning*, Inteligência Artificial Generativa (IAG) e Large Language Models (LLMs).

Enquanto os primeiros debates sobre IA não são recentes, tendo iniciado nos 1950<sup>1</sup>, seu uso na produção acadêmica é. De forma geral, é possível dividir essa discussão – que não é unicamente acadêmica – em dois grandes blocos. O primeiro é sobre as incontáveis ferramentas que surgiram e facilitam as atividades de se fazer ciência. Essas ferramentas têm potencial para automatizar análises de dados, polir ou tornar mais claro o conhecimento criado pelo cientista. Nessa perspectiva, tem-se a IA como conjunto de ferramentas operacionais (que nomeio como **IA operacional**), que contribuem para a execução de tarefas operacionais de se fazer pesquisa. Por outro lado, a IA também vem substituindo o *homo sapiens* na construção do conhecimento<sup>2</sup>, sendo que há uma enxurrada de textos que destacam o aumento da produção de artigos feitos em grande parte por IA. A essa prática, dou o nome de **IA geradora de conhecimento científico**.

Talvez o exemplo mais difundido da IA operacional está no uso de ferramentas de correção e melhorias no texto (KACENA et al., 2024, SALVAGNO et al., 2024). Nesse caso, o cientista não busca criar conhecimento científico, ele já o fez..., mas usará ferramentas como o Grammarly, DeepL Translator, ChatGPT, Gemini, entre outras, para mitigar problemas linguísticos da redação da sua

---

<sup>1</sup> Para uma visão geral sobre o que é IA e suas origens, ver as introduções de Sichman (2021) e Bahoo et al., (2024).

<sup>2</sup> Para detalhes sobre o “*AI Scientist*”, inteligência artificial que gera ideias, busca e faz revisão da literatura, planeja e implementa experimentos, análise resultados, entre outros, ver Lu et al., (2026).

pesquisa. Isso vale para ferramentas de IA de tradução..., O conhecimento científico já foi gerado! Situação semelhante ocorre na correção de códigos – do R, Python ou de qualquer outra linguagem de programação. Por algum equívoco em alguma(s) linha(s) do código, a análise não é executada. Então o cientista cola o código em alguma IA, solicita a correção e bingo! O erro é corrigido e a análise executada! O que poderia levar horas de checagem, linha por linha, é resolvido em instantes.

Dado o pano de fundo do parágrafo anterior, fica evidente que o uso da IA operacional contribui de forma relevante para tarefas operacionais que compreendem a produção acadêmica. Assim, a IA oferece uma oportunidade histórica para corrigir potenciais equívocos ao longo da construção da ciência e devolver aos cientistas o tempo necessário para realizar seu trabalho da melhor forma possível (BERTONE et al., 2026). Servindo como coadjuvante (o *homo sapiens* é o ator principal), o uso dessas ferramentas operacionais deve ser incentivado, assim como se deve incentivar o cientista a melhorar seu nível de escrita e de programação.

Outras formas de IA operacional, incluem, mas não se limitam a: revisão de referências – atenção deve ser dada a possível criação de referências inexistentes (Day, 2023), sugestão de periódicos para publicação, e auxílio nos esclarecimentos de textos que o cientista não tenha compreendido. Porém, quando a IA se torna protagonista – IA geradora de conhecimento científico – ocupando o papel de pesquisador(a), surgem problemas éticos e morais (por exemplo, a criação de textos com afirmações errôneas, a atribuição de crédito indevido a um autor e a falta de transparência na realização de uma revisão ou na análise de dados), problemas com autoria e o questionamento sobre o sentido de se fazer ciência.

Para tentar analisar os problemas da IA geradora de conhecimento científico, proponho o seguinte exercício mental: Imagine um mundo onde o cientista meramente possa escrever um *prompt* (uma instrução ou comando) solicitando a uma IA potenciais problemas de pesquisa para iniciar uma nova pesquisa. Agora imagine esse mesmo cientista usar outro *prompt* solicitando uma extensa revisão de literatura para incluir no seu artigo, ou a geração de hipóteses (proposições). Por fim, imagine usar IA para executar a análise de dados, criar a discussão, as conclusões e a limitação da pesquisa. Dado esse exercício, no qual a IA pode ser usada para criar conhecimento científico, algo que até então era exclusivo do *homo sapiens*, qual o sentido de seguirmos nos esforçando para tanto?

Se o cientista se conformar – se o ChatGPT respondeu assim, deve ser verdade! em ser um mero coadjuvante na produção acadêmica – seja pela falta de tempo devido às demais atribuições acadêmicas ou pela pressão em publicar em massa (*publish or perish*), provavelmente nos próximos meses teremos textos com explicação excessiva (PESAPANE et al., 2026), mas também, textos mais rasos e repetitivos. Nessa perspectiva, Ferreira et al., (2024, p. 19) complementam descrevendo que “a

IA pode gerar conteúdo que carece de profundidade acadêmica e compreensão real do assunto, levando a informações imprecisas”. Provavelmente também, teremos uma redução na capacidade analítica, dado que escrever um *prompt* é extremamente mais fácil que permanecer aprendendo.

Talvez o sentido de o *homo sapiens* continuar buscando construir conhecimento científico não esteja no objetivo central de unicamente publicá-lo, mas passaria a residir em outro aspecto: no desenvolvimento da capacidade humana de continuar a compreender, questionar, ter capacidade de abstração. Talvez se reforce o papel da publicação acadêmica não unicamente como promotora do conhecimento científico, mas porque representa a trajetória intelectual percorrida para alcançá-la. Por meio disso, pode ser que o cientista se mantenha como protagonista e que tenha a IA operacional como aliada. Assim, se me perguntarem se a IA pode substituir o cientista, responderei: depende. Tudo está em definir quem ocupará o papel de protagonista e quem permanecerá como coadjuvante.

Observação: esse texto não foi criado por IA, mas corrigido por ela (Grammarly versão Pro).

### Referências

BAHOO, Salman et al. Artificial intelligence in Finance: a comprehensive review through bibliometric and content analysis. **SN Business & Economics**, v. 4, n. 2, p. 23, 2024.

BERTONE, Gianfranco. AI can help scientists publish less. **Nature Astronomy**, p. 1-3, 2026.

DAY, Terence. A preliminary investigation of fake peer-reviewed citations and references generated by ChatGPT. **The Professional Geographer**, v. 75, n. 6, p. 1024-1027, 2023.

FERREIRA, Marcello et al. Inteligência artificial na Educação Superior-avanços e dilemas na produção acadêmica. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 11, 2024.

KACENA, Melissa A.; PLOTKIN, Lilian I.; FEHRENBACHER, Jill C. The use of artificial intelligence in writing scientific review articles. **Current Osteoporosis Reports**, v. 22, n. 1, p. 115-121, 2024.

LU, Chris et al. Towards end-to-end automation of AI research. **Nature**, v. 651, n. 8107, p. 914-919, 2026.

PESAPANE, Filippo et al. Evidence over explanations: put medical AI to the test. **npj Artificial Intelligence**, v. 2, n. 1, p. 53, 2026.

SALVAGNO, Michele; TACCONE, Fabio Silvio; GERLI, Alberto Giovanni. Can artificial intelligence help for scientific writing?. **Critical Care**, v. 27, n. 1, p. 75, 2023.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos avançados**, v. 35, p. 37-50, 2021.